



Universidades Lusíada

Rapaz, Virgílio José, 1942-

Os grandes economistas : como as suas ideias nos podem ajudar

<http://hdl.handle.net/11067/5370>

<https://doi.org/10.34628/1ytb-aj15>

Metadados

Data de Publicação	2019
Resumo	A obra intitulada "Os grandes economistas: como as suas ideias nos podem ajudar", de Linda Yueh, é a tradução portuguesa do volume publicado pela Penguin Books, com o título "The great economists: the thinkers who changed the world - and how their ideas can help us today", em 2018. A autora é "Fellow" em Economia na Universidade de Oxford e Professora Adjunta em Economia na London Business School. Tem tido uma variada actividade jornalística na rádio e na televisão. Escreve, também, com regular...
Palavras Chave	Yueh, Linda, 1977- Crítica e Interpretação, Economia - História
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 27 (2019)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T12:18:45Z com informação proveniente do Repositório

OS GRANDES ECONOMISTAS

Como as suas ideias nos podem ajudar

Linda Yueh (2019)
Clube do Autor, S.A., Lisboa

Virgílio Rapaz
Faculdade de Ciências da Economia e da Empresa da Universidade Lusíada

Apresentação

A obra em avaliação é a tradução portuguesa de volume publicado em inglês, no ano passado (1). Registe-se, com agrado, a rápida disponibilização, na nossa língua, de texto tão encomiasticamente recebido na sua edição original.

A Autora é “*fellow*” em Economia na Universidade de Oxford e Professora Adjunta de Economia na London Business School. Tem tido uma variada actividade jornalística na rádio e TV; escreve regularmente para reputados jornais ingleses e americanos.

Neste seu primeiro livro, visa analisar as ideias dos Grandes Economistas que transformaram a economia moderna, criando uma prosperidade sem precedentes. Nas suas próprias palavras e retomando o tema do exergo do título: “*essas ideias do passado podem ajudar a orientar-nos à medida que enfrentamos os desafios económicos dos nossos dias*” (Pg. 11).

Quem foram estes Grandes Economistas? Ela defende, como ponto de partida, o critério de que o trabalho deles tem de ter implicações directas nos actuais problemas económicos. Depois, como segundo factor qualificador, a sua relevância para “*o crescimento económico – isto é, o ritmo e a qualidade do desenvolvimento – ... no contexto de um mundo globalizado*” (Pg. 12).

Quem foram os eleitos? Adam Smith, Ricardo, Marx, Marshall, Fisher, Keynes, Schumpeter, Hayek, Robinson, Friedman, North e Solow foram os doze seleccionados. Porquê doze? Porquê estes doze? A própria Linda Yueh reconhece

que foi uma escolha difícil, avançando mesmo nomes que poderiam ter sido incluídos, como Minsky ou Samuelson. Muitos outros, acrescentamos nós, poderiam constar do elenco: cronologicamente, Malthus, Stuart Mill, Walras, Tobin, Stiglitz, Mundell ... que, aliás, na maior parte, são mencionados ao longo das suas páginas. Mas, mais do que criticar o que não está, concentremo-nos no que está.

Pena que a obra não se intitule "*Grandes Economistas*" em vez de um limitativo, exclusivo, exaustivo, "*Os Grandes Economistas*": os não-listados não são grandes? Só esta dúzia merece esse adjetivo? Deveria ter sido evitada uma abordagem de conjunto fechado: Schumpeter (1951) poderia ter servido de inspiração com os seus "*Ten Great Economists from Marx to Keynes*" (2).

Claro que diferentes autores apresentam propostas desiguais. Assim, por exemplo, a reputada lista "*50 Economics Classics*" (Butler-Bowden, 2017) ignora os trabalhos de Fisher, Robinson, North e Solow. Mas, numa repescagem, estilo segunda divisão, "*50 more Economics Classics*", Fisher é o único ausente. Em compensação, é privilegiado por Schumpeter (1951, Pg. 223), que não hesita mesmo em o rotular como "*potentially the greatest economist that America produced*".

Yueh nota que, em grande medida, preferiu "*economistas de uma safra mais antiga*" (Pg. 13), explicando que, se é verdade que eminentes economistas modernos, muitos laureados com o chamado Prémio Nobel, estão activamente envolvidos na busca de soluções para os problemas contemporâneos, com destaque para o aumento das taxas de crescimento económico, "*a sua investigação está enraizada na obra daqueles que criaram os modelos generalistas que formam os alicerces da ciência económica*". São esses "*os grandes economistas*": o livro procura revelar "*de onde vieram as suas ideias e como a sua perspectiva moldou o pensamento económico*" (Pg. 13).

Conteúdo

O núcleo da publicação associa cada um dos Grandes Economistas a uma questão económica da actualidade, identificada sob forma interrogativa. Para esclarecimento do Leitor, divulgamos o acasalamento: Adam Smith – O governo deve reequilibrar a economia?; Ricardo – O défice comercial é relevante?; Marx – A China pode vir a ser rica?; Marshall – A desigualdade é mesmo inevitável?; Fisher – Corremos o risco de repetir os anos 1930?; Keynes – Investir ou não investir?; Schumpeter – O que é que estimula a inovação?; Hayek – O que podemos aprender com as crises financeiras?; Robinson – Porque é que os salários são tão baixos?; Friedman – Os bancos centrais são demasiado controladores?; North – Porque há tão poucos países prósperos?; Solow – O crescimento lento será a regra do futuro?

Naturalmente que, por um lado, distintos problemas poderiam ter sido destacados, e, por outro, combinações diferentes seriam defensáveis. Mas, em geral,

parece-nos uma matriz aceitável, talvez com a possível excepção de “Fisher/anos 1930”: a bem conhecida incapacidade de previsão da crise e da sua duração (3) causa alguma perplexidade, como âncora de referência.

Ao longo dos capítulos personalizados, oscilando entre as vinte e as trinta páginas, pode dizer-se que Yueh apresenta uma história do pensamento económico desde Adam Smith até aos nossos dias, sem descuidar as ligações entre os diversos autores, por afinidade ou oposição. As inovações anteriores à “*Riqueza das Nações*” são episodicamente mencionadas, mas sem referências nominais a qualquer mercantilista ou fisiocrata (4): o colectivo prima absolutamente sobre o individual, contrastando com o nominalismo dos Doze.

Cada um deles começa com uma narrativa da vida e da época. Os elementos biográficos pecam, por vezes, por excesso de detalhes do foro privado, nomeadamente sentimental (5). A caracterização do período vivido por cada Grande Economista ajuda a melhor perceber a génese das suas contribuições para o avanço do conhecimento económico. Enfim, cada capítulo encerra com a discussão de pistas de utilização dos seus ensinamentos para se tentar resolver os problemas actuais.

Nem sempre estamos de acordo com o equilíbrio das descrições de Yueh.

Por exemplo, ao introduzir, em Marshall, o princípio da utilidade marginal decrescente (Pg. 100), ignora os fundadores do marginalismo – Jevons, Menger e Walras – até, bem mais tarde (Pg. 175), os recuperar, ao consagrar, a propósito de Schumpeter, algumas linhas à “*nova doutrina marginalista*”. Afirmar, também, que Marshall “*traçava uma distinção entre produção e redistribuição tal como o fazia John Stuart Mill*” (Pg. 112). É verdade, mas, aqui, o injustiçado é Ricardo (1817, Pg. 25), que, em conhecida passagem do seu “*Prólogo Original*”, já defendera que “*O principal problema da Economia Política consiste em determinar as leis que regem esta distribuição*” (do produto final), posição reiterada em carta posterior a Malthus (citada em Keynes, 1936, Pg. 4).

Ou ainda ao escrever que North “*foi pioneiro na incorporação de instituições na análise económica*” (Pg. 284), omitindo seminais contribuições anteriores, com as de Veblen (aliás, indevidamente ausente da obra).

No Epílogo, “*O Futuro da Globalização*”, o livro começa por constatar que ela tem estado ligada à prosperidade económica, mas com benefícios desigualmente repartidos. Aliás, segundo Yueh, o Brexit e o trumpismo “*figuram entre as mais proeminentes expressões políticas de descontentamento com o status quo*” (Pg. 344), “*inclusive no que concerne à globalização*” (Pg. 329).

A fisionomia em mudança do comércio livre, com um afastamento dos acordos comerciais multilaterais dos membros da O.M.C., numa rota de fragmentação, conduz à análise sumária do que disse cada um dos doze Grandes Economistas quanto aos fundamentos de uma reacção adversa à globalização. A Autora junta-lhes, destacadamente, Samuelson, “*o último dos grandes economistas*

generalistas” (Pg. 342), como que tentando reparar a injustiça da sua exclusão da lista inicial.

O texto finaliza com uma observação pertinente: não obstante as discordâncias ferozes entre eles, os Grandes Economistas têm em comum que “*formulavam modelos genéricos para dar resposta aos maiores desafios económicos*” (Pg. 346). Daí o seu impacto duradouro na sociedade e a sua continuada relevância nos dias de hoje.

A possível aplicação dos contributos dos Doze para a solução das nossas dificuldades é iluminada pela utilização – numa louvável visão menos euro-atlântica – de exemplos, por vezes bastante pormenorizados, colhidos em economias como as da China, Japão, Vietnam, Índia, África do Sul ... o que ajuda a melhor veicular a mensagem da importância contemporânea da globalização.

Yueh adopta, por vezes, um estilo mais ligeiro, com descrições vívidas, de acesso mais atraente, não desprezando recorrer, na sua terminologia, a algumas anedotas (6) ou chistes. Uma amostra, citando Friedman, para aguçar o apetite do Leitor: “*Se se pusesse o Governo Federal a tomar conta do deserto do Sara, no espaço de cinco anos haveria uma escassez de areia*” (Pg. 259) (7).

Edição portuguesa

A prontidão no lançamento da versão portuguesa estará, eventualmente, na origem de certas deficiências editoriais, com destaque para as falhas na tradução.

Assim, começa-se por enfatizar a omissão do índice remissivo, bastante completo, disponibilizado na edição original, instrumento relevante para facilitar a tarefa do leitor que queira ter uma visão mais apropriadamente interligada da riqueza de informação exibida pela obra. Essa listagem, ordenada em termos de autores – mais de centena e meia são mencionados – e de temas, deveria ter sido mantida. Por exemplo, seria mais fácil localizar a meia dúzia de referências feitas a Portugal. Curiosamente, o texto em português até conserva os agradecimentos ao seu “*ponderado compilador*” (Pg. 372)...

A tradução enferma de algumas imperfeições.

Começando pelas menos graves, atendendo, sobretudo, à frequência com que as encontramos no quotidiano das notícias, a tradutora refere-se à “*zona euro*” (Pg. 11), traíndo a designação rigorosa, “*euro area*” (Yueh, 2019, Pg. 1). E, insistentemente, identifica a OCDE como “*Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico*” (de facto, é “*Económicos*”). Incorreções tantas vezes repetidas...

Depois, traduz “*a commodity cheaper*” (Yueh, 2019, Pg. 38) por “*um bem a preço mais barato*” (Pg. 54), antecipando, diga-se a propósito, erro no próprio original (Yueh, 2019, Pg. 164), “*a cheap price*”, desta vez fielmente vertido na nossa edição.

Finalmente, um episódio hilariante: o “*Peel Banking Act*” de 1844 é “traduzido” como “*Decreto para o Esfolar da Banca*” (“sic”, Pg. 56), revelando manifesta ignorância da matéria em discussão. Chegámos mesmo a rezear que, em seguida, iríamos, num assomo de literalidade, ser confrontados com as reflexões do americano Irving Pescador (8)...

Acabando com uma nota positiva, registre-se que esta edição ganha a Yueh (2019) no tocante à identificação visual dos Doze. Todos eles constam da galeria de retratos da capa: no original, apenas se exhibe oito.

Conclusões

É de saudar a chegada desta obra ao mercado de língua portuguesa, sobretudo pela interligação entre o passado e o presente. Com frequência, os textos disponibilizados, à força de exaltarem o passado, como que nele permanecem.

Louvemos, portanto, o carácter dinâmico e instrumental do trabalho de Yueh: a História, deve, de facto, desempenhar o papel de elemento de conexão com a nossa realidade, para melhor a entender e enformar. Ou, preferentemente, como escreve, com ambição: “*talvez o seu discernimento possa ajudar o nosso futuro*” (Pg. 21). Aliás, como se defende na abordagem claramente assumida no programa de “História Económica e Social” desta Faculdade.

A imersão nas suas quase quatrocentas páginas constitui contributo relevante para ajudar a ultrapassar a insuficiência de conhecimento do passado, material e intelectual, combatendo a “*ignorância histórica*” de que, no entender de McCloskey (2002), sofrem os economistas. E a situação é tanto mais delicada se aceitarmos, com Schumpeter (1954, Pg. 36/7)), que o domínio da história é condição indispensável – de longe a mais importante – para que um economista seja caracterizado como “*científico*”.

Concluindo a apreciação do livro: recomenda-se a sua leitura. O eventual êxito no nosso meio poderá, outrossim, conduzir a nova edição, a aproveitar para corrigir as incorrecções assinaladas e aperfeiçoar a versão portuguesa. E, entretanto, mais em geral, servir para infirmar o aforismo de Huxley (1959): “*that men do not learn very much from the lessons of history is the most important of all the lessons that history has to teach*”.

Notas

- 1) Yueh (2018). Nesta recensão, as citações em inglês referem-se a Yueh (2019).
- 2) Ou Blaug (1989 e 1997).

- 3) Com repercussão, em termos de avultados prejuízos , nas suas finanças pessoais.
- 4) Quesnay mereceria ter o seu nome impresso.
- 5) A jornalista (algo sensacionalista) a sobrepor-se à académica?
- 6) Quiçá algo influenciada por Mérimée: “*Je n’aime dans l’histoire que les anedoctes*” (Dournon, 1982, Pg. 422).
- 7) Partilhando: o presente comentador encontrara esta frase, com indicação do Autor, emoldurada numa instalação sanitária de um pequeno restaurante, à beira do rio Preguiças, em Barreirinhas, Piauí, Brasil.
- 8) No mesmo sentido, recordamos que a imprensa portuguesa chegou a designar as negociações comerciais multilaterais “*Kennedy Round*” como “*Kennedy Redondo*”.

Referências

- Blaug, Mark (1989), *Great Economists since Keynes*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Blaug, Mark (1997), *Great Economists before Keynes*, Edward Elgar, Cheltenham.
- Butler-Bowdon, Tom (2017), *50 Economics Classics*, Nicholas Brealy Publishing, Londres e Boston.
- Dournon, Jean-Yves (1982), *Le Grand Dictionnaire des Citations Françaises*, Éditions Belfond, Paris.
- Huxley, Aldous (1959), *Collected Essays*, Harper & Brothers Publishers, Nova Iorque.
- Keynes, John Maynard (1936), *The General Theory of Employment, Interest and Money*, Macmillan and Co, Ltd, Londres e Basingstoke (citação no texto refere-se à edição de 1970).
- McCloskey, Deirdre (2002), *The Secret Sins of Economics*, Pricley Paradigm Press, Chicago.
- Ricardo, David (1817), *Principles of Political Economy and Taxation*, John Murray, Londres (citação no texto refere-se à versão portuguesa, *Princípios de Economia Política e de Tributação* (2001), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa).
- Schumpeter, Joseph (1951), *Ten Great Economists from Marx to Keynes*, Oxford University Press, Oxford.
- Schumpeter, Joseph (1954), *History of Economic Analysis*, Oxford University Press, Oxford (citação no texto refere-se à versão francesa, *Histoire de l’analyse économique* (1983), Gallimard, Paris).
- Yueh, Linda (2018), *The Great Economists*, Viking Press, Nova Iorque.
- Yueh, Linda (2019), *The Great Economists*, Penguin Random House, Reino Unido.